



Singularidade tecnológica: inteligência artificial e a crise dos conceitos de humano, mente e corpo¹

Thuany Menezes²

Eli Borges Júnior³

Introdução

A contemporaneidade tem revelado uma profunda crise do humano, marcada por deslocamentos nos conceitos de corpo, mente, alma e técnica. O avanço da inteligência artificial e dos sistemas autônomos não apenas amplia as capacidades humanas, mas também desafia noções tradicionais de identidade, consciência e experiência sensível. Nesse contexto, surge o debate sobre a singularidade tecnológica, conceito proposto por Ray Kurzweil (2005; 2023), que descreve um horizonte em que a inteligência artificial supera a inteligência humana e possibilita a fusão entre organismo biológico e máquina. A singularidade tecnológica, nesse sentido, inaugura novas questões filosóficas e comunicacionais: como redefinir o humano quando corpo, mente e tecnologia se entrelaçam?

Historicamente, a noção de humano esteve vinculada à ideia de alma, concebida como princípio vital, consciência ou essência imaterial. Luca Vanzago (2011) evidencia que, da Antiguidade ao cristianismo e às neurociências contemporâneas, o conceito de alma sofreu uma progressiva transformação: de princípio metafísico, passou a ser interpretado como função do corpo e, posteriormente, como processo informacional passível de estudo científico. Esse

¹ Trabalho apresentado no Painel Temático Filosofia da tecnologia: IA, pós-humanismo, trans-humanismo do XVIII Simpósio Nacional da ABCiber – Associação Brasileira de Pesquisadores em Ciberultura. Faculdade Cásper Líbero - FCL, realizado nos dias 11 a 13 de novembro de 2025.

² Estudante do Bacharelado em Jornalismo da Faculdade de Comunicação Social da Universidade Federal de Juiz de Fora/UFJF). E-mail: thuanymenezesjorn@gmail.com

³ Orientador do trabalho, professor da Facom/UFJF e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFJF. E-mail: eli.borges@ufjf.br



deslocamento prepara o terreno para compreender a singularidade tecnológica não como ruptura abrupta, mas como etapa de um processo histórico em que a mente e a consciência deixariam de ser exclusivas do domínio biológico.

O corpo, por sua vez, também se transforma em interface comunicativa. Lúcia Santaella (2006) e Massimo Di Felice (2010) destacam que, na era do pós-humano, o corpo não é apenas receptáculo biológico, mas meio sensível e comunicativo, atravessado por dispositivos, sensores e redes que ampliam sua percepção e sua ação no mundo. Nesse cenário, o humano se encontra em um contínuo de mediação tecnológica, em que a experiência não é apenas cognitiva, mas também sensível e comunicacional.

Ao mesmo tempo, a dimensão estética dessa transformação não pode ser ignorada. Mario Perniola (2004) observa que o inorgânico exerce um fascínio sobre o humano contemporâneo, configurando desejo de fusão e incorporação. A máquina e o dispositivo técnico deixam de ser meros instrumentos para se tornar objetos de experiência sensível e de desejo, revelando que a crise do humano envolve também dimensão estética e afetiva.

Diante desse panorama, o presente artigo propõe uma reflexão teórico-filosófica sobre o humano em crise, articulando as concepções de alma, corpo, comunicação e tecnologia. O objetivo é compreender como a singularidade tecnológica, entendida tanto como fenômeno real quanto como metáfora cultural, redesenha a experiência humana, transformando categorias centrais de identidade, corporeidade e comunicação. A análise integrada dos autores permite interpretar o humano não como extinto, mas como pós-humano sensível, comunicante e híbrido, capaz de atravessar e se reinventar na interseção entre biológico, técnico e informacional.

Entre o corpo e o código: comunicação e estética do pós-humano

O corpo humano, tradicionalmente entendido como matéria biológica ou invólucro da alma, assume na contemporaneidade um papel radicalmente distinto: torna-se interface,



mediador de experiências e dispositivo comunicativo. Lúcia Santaella (2006) argumenta que o corpo pós-humano não é apenas o espaço onde a vida ocorre, mas também meio sensível de comunicação, atravessado por tecnologias que ampliam percepção, expressão e ação. Sensores, próteses, interfaces neurais e dispositivos digitais transformam o corpo em plataforma de interação contínua entre humano, máquina e rede, dissolvendo fronteiras que antes pareciam fixas entre biológico e inorgânico.

Essa perspectiva se articula com Flintro & Santaella (2023), que observam:

“A analogia proposta entre o funcionamento do orgânico e do maquínico arrancou o humano do privilégio de sua irreducibilidade. Surgiu, assim, uma nova maneira de pensar o humano como um sistema de processamento de informação que apresenta similaridades com qualquer máquina dotada de certa inteligência” (p. 27)

Essa leitura desloca o humano do plano exclusivo do biológico e abre espaço para compreender corpos híbridos, cognitivos e sensíveis, atravessados pela técnica e pela informação.

Esse entrelaçamento entre corpo e tecnologia manifesta-se tanto em experimentações artísticas quanto em práticas cotidianas. O artista britânico Neil Harbisson, que ouve cores por meio de uma antena implantada no crânio, exemplifica o corpo como meio de tradução sensorial, no qual o orgânico e o informacional se confundem em um novo tipo de percepção estética. Em outra escala, os filtros de realidade aumentada usados em redes sociais atualizam essa experiência de hibridização, ao permitir que o corpo se torne superfície plástica e programável, constantemente redesenhada por códigos e algoritmos. Já os avatares virtuais de ambientes imersivos e metaversos evidenciam a transposição simbólica do corpo para o espaço digital, instaurando identidades híbridas e pós-orgânicas que expandem a comunicação para além da materialidade física.



Essas práticas tornam visível o que Santaella e Di Felice identificam como o corpo comunicante — um corpo sensível, interconectado e tecnomediado. Mario Perniola (2004), em *O sex appeal do inorgânico*, interpreta esse fenômeno como expressão de um desejo de fusão entre o humano e o técnico. Para o autor, o inorgânico não é objeto frio ou desprovido de vida, mas matéria dotada de potência sensível, capaz de provocar emoções, atração e encantamento. A máquina, nesse contexto, deixa de ser mero instrumento e se torna objeto de experiência e afeto, transformando-se em parte do campo perceptivo e erótico do sujeito.

Assim, a incorporação do inorgânico é também uma forma de comunicação: um diálogo entre corpo e tecnologia mediado pela sensibilidade. O humano contemporâneo não apenas usa dispositivos digitais — ele os sente, os deseja e se expressa por meio deles, reconfigurando sua experiência estética e comunicacional. Dessa forma, a crise do humano na contemporaneidade não se reduz à perda de essência, mas à emergência de uma sensibilidade ampliada, em que corpo, mente e tecnologia se interpenetram.

Além disso, essa dimensão estética evidencia a complexidade da crise do humano: não se trata apenas de deslocamentos conceituais ou de adaptações tecnológicas, mas de transformações na experiência sensível e comunicativa, em que percepção, desejo e estética se articulam com a técnica e a informação. Como observa Vanzago (2011), a compreensão histórica da mente e da alma mostra que o humano sempre esteve atravessado por conceitos simbólicos; na era da singularidade, esses conceitos ganham nova materialidade, mediada pelo inorgânico, pela tecnologia e pelas interfaces comunicativas.

Considerações finais

A análise apresentada evidencia que a crise do humano na contemporaneidade não se limita a um campo específico, mas atravessa dimensões ontológicas, cognitivas, comunicacionais e estéticas. A singularidade tecnológica proposta por Kurzweil (2005; 2023) projeta um futuro em que a inteligência artificial e a fusão com o inorgânico ampliam a capacidade humana,



deslocando limites biológicos e cognitivos. Essa perspectiva, entretanto, só adquire profundidade quando articulada com a genealogia da alma apresentada por Vanzago (2011), que revela como mente e consciência foram progressivamente interpretadas em termos informacionais e materiais, preparando o terreno histórico e conceitual para a reflexão sobre o humano pós-orgânico.

O corpo, como destacam Santaella (2006) e Di Felice (2010), emerge como elemento central nesse cenário. Ele deixa de ser mero invólucro biológico e se torna interface comunicativa e sensível, atravessado por tecnologias que ampliam percepção, ação e experiência. Essa mediação tecnológica transforma a própria forma de existir e comunicar-se, mostrando que a crise do humano envolve também a experiência corporal e a interação com sistemas digitais e redes.

A dimensão estética, explorada por Perniola (2004), complementa essa compreensão, ao mostrar que o inorgânico exerce fascínio e provoca experiências sensíveis, afetivas e simbólicas. A relação com a máquina não é apenas funcional ou instrumental, mas também experiencial, envolvendo desejo, percepção e estética. Nesse sentido, o humano contemporâneo não se limita a utilizar tecnologias, mas interage, sente e se transforma por meio delas, experimentando novas formas de corporeidade e subjetividade.

A articulação desses elementos sugere que a crise do humano deve ser entendida como oportunidade de reconfiguração e ampliação de suas categorias centrais, e não como perda de essência. A fusão entre corpo, mente e máquina transforma a experiência sensível, cognitiva, comunicativa e estética do humano, gerando novas formas de identidade e agência. O humano, portanto, emerge como pós-orgânico, híbrido e comunicante, capaz de atravessar e reinventar-se na interseção entre biológico, técnico e inorgânico.

Em síntese, o estudo propõe que a singularidade tecnológica não seja interpretada apenas como evento técnico ou futurista, mas como fenômeno cultural e existencial, que oferece perspectivas críticas e reflexivas sobre o papel da técnica, da comunicação e da experiência



sensível na constituição do humano contemporâneo. A crise do humano, assim, revela-se também como um espaço de reinvenção, no qual corpo, mente, tecnologia e estética se entrelaçam, inaugurando novos modos de existência, percepção e comunicação na era pós-orgânica.

Palavras-chave

Pós-humanismo; singularidade tecnológica; corpo; alma; comunicação.

Referências

KURZWEIL, Ray. **The singularity is near**: when humans transcend biology. New York: Viking, 2005.

VANZAGO, Luca. **Breve historia del alma**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2011.

KURZWEIL, Ray. **A singularidade está mais próxima**: o verdadeiro poder da inteligência artificial. Tradução de Carlos Szlak. São Paulo: Edipro, 2023.

SANTAELLA, Lúcia (Maria Lúcia Santaella Braga). **Culturas e artes do pós-humano**: da cultura das mídias à ciberultura. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2003.

DI FELICE, Massimo; PIREDDU, Mario (orgs.). **Pós-humanismo**: as relações entre o humano e a técnica na época das redes. 1. ed. São Caetano do Sul: Difusão, 2010.

SANTAELLA, Lúcia. **Corpo e comunicação**: sintoma da cultura. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2006.

PERNIOLA, Mario. **O sex appeal do inorgânico**. Coimbra: Ariadne, 2004.